

PERMANÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO PÚBLICO

O caso da Rua XV de Novembro em Curitiba

Maicon Lincon Leitoles

Universidade Federal de Santa Catarina UFSC

Almir Francisco Reis (orientador)

maiconleitoles@gmail.com

RESUMO

O trabalho apresenta um estudo das relações entre forma urbana, distribuição de atividades, e modo de apropriação do espaço público de um dos espaços mais simbólicos da cidade de Curitiba: a rua XV de Novembro. O objetivo da pesquisa foi reconhecer o real significado de um dos espaços públicos mais importantes da cidade para que se possa colher subsídios para um processo de proteção e qualificação espacial. A pesquisa utilizou como base teórica e conceitual a Teoria da sintaxe espacial para a avaliação das relações pretendidas. Como resultado observamos o grande potencial que a região onde se encontra a Rua XV de Novembro oferece no tocante à apropriação social do espaço público.

Palavras-chave: espaço público, configuração, sintaxe espacial, apropriação.

ABSTRACT

This work shows the studies about relation space physical, activities distribution, and public space appropriation in one of the most emblematical space in Curitiba: XV de November Street. The object of this work is recognize the real meaning of the most important space in the city, to collect contribution to protection and spacial qualification. The search uses like theoretical and concept base the Syntax space theory to evaluate the relation intended. The results show the big potential that central region, where street XV de November is, in public space appropriation.

Key words: public space, configuration, space syntax, appropriation

1 APRESENTAÇÃO

As sociedades contemporâneas têm vivido momentos de grandes transformações nos últimos anos, transformações que vêm afetando diretamente as características das cidades e também a relação entre as pessoas e o uso do espaço público. Com o rápido avanço das redes de comunicação e da maneira individualizada de viver, o espaço público tem perdido o seu papel como local de convivência e interação social, tem sido trocado, muitas vezes, por equipamentos de uso privado, lugares normalmente com controle de acesso e frequência pouco diversificada.

Neste trabalho, considera-se o espaço de uso público das cidades como elemento fundamental da configuração urbana, relacionando-se intimamente à qualidade de vida da população, uma vez que é nele que se desenvolvem as atividades ao ar livre, as relações interpessoais e as interfaces espontâneas entre diferentes grupos e agentes sociais. O espaço público é entendido, assim como Aguiar (2012) como *locus* de uma cultura urbana compartilhada, fundada em valores coletivos, uma cultura que envolve o convívio entre os opostos, envolve diversidade, troca e, mais que tudo, o desfrute de uma cidade que tenha o espaço urbano como fundo ativo. Assume-se, aqui, a relação dialética entre arquitetura e sociedade onde, a todo o momento, uma influencia a outra, tendo a configuração urbana grande importância na vida social. A pesquisa concentra-se na configuração espacial da cidade, considerada, para efeitos do trabalho, além do resultado de concepções estéticas, ideológicas e culturais, como um sistema que pode favorecer ou restringir os movimentos, colocando limites e possibilidades no processo de utilização social dos espaços públicos.

A pesquisa fundamenta-se na compreensão de que a forma urbana é tanto o resultado das estruturas sociais, como a condicionadora dos processos de produção e reprodução social. Esse entendimento coloca o traçado, a sua estrutura física, como elemento de grande importância, visto que é um dos componentes de maior permanência na estrutura urbana da cidade. O traçado urbano é condicionado por questões geográficas e por processos históricos, ao mesmo tempo também intervém no modo de vida da sociedade, afetando os processos sociais.

Partindo destes pressupostos, o trabalho realiza um estudo a respeito das relações entre a forma física da cidade e os processos de apropriação social, considerando seu processo histórico de formação e de crescimento, o modo em que o tecido urbano se articula como um todo na cidade e as características da configuração local dos espaços públicos. O recorte analítico do trabalho concentra-se na ideia de urbanidade, entendida como atributo do meio urbano e da vida coletiva que propicia diferentes interações sociais, tendo por base estruturas da configuração da cidade. Buscaram-se os ecos do conceito de urbanidade nos escritos de Jane Jacobs, em sua obra “Morte e vida de grandes cidades”, de 1961 (JACOBS, 2000) sobre vitalidade e diversidade do espaço público, em Hillier e Hanson (1984) sobre o modo como a urbanidade pode ser manifestada por meio da forma urbana e ainda nos escritos de Aguiar (2012), que descreve o conceito de urbanidade como:

“Algo que vem da cidade, da rua, do edifício e que é apropriado, em maior ou menor grau, elo corpo, individual e coletivo. A urbanidade, assim entendida, estaria precisamente nesse modo de apropriação da situação pelas pessoas, seja na escala do edifício, seja na escala da cidade... a urbanidade está no modo como essa relação espaço/corpo se materializa” (AGUIAR, 2012:63).

A estrutura da cidade, marcada pelo seu traçado, tem na rua um dos seus principais elementos. A rua apresenta-se como componente de grande importância na estruturação das cidades, nos mais diferentes períodos históricos e nas mais diferentes sociedades. Neste sentido, o trabalho tem como objeto de estudo um dos mais simbólicos e tradicionais espaços públicos da capital do estado do Paraná, a Rua XV de Novembro, situada na região central da cidade de Curitiba.

Curitiba, capital do estado no Paraná, se encontra na região sul do Brasil e é a oitava maior capital brasileira com 1.751.907¹ habitantes (Figura 1). Seu território está contido em uma área de 435,495km². Juntamente com sua região metropolitana que conta com 29 municípios a população é de 3.223.836³ habitantes. A cidade tem o setor de serviços, correspondendo a mais de 80% da sua economia. Curitiba apresenta um território 100% urbanizado. A cidade é referência nacional, conhecida como cidade modelo, pois a partir da

¹ Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010)

² Segundo dados do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - IPARDES (2016)

³ Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010)

segunda metade do século XX se colocou à frente das demais capitais brasileiras em questões urbanas como planejamento urbano e proteção ambiental.

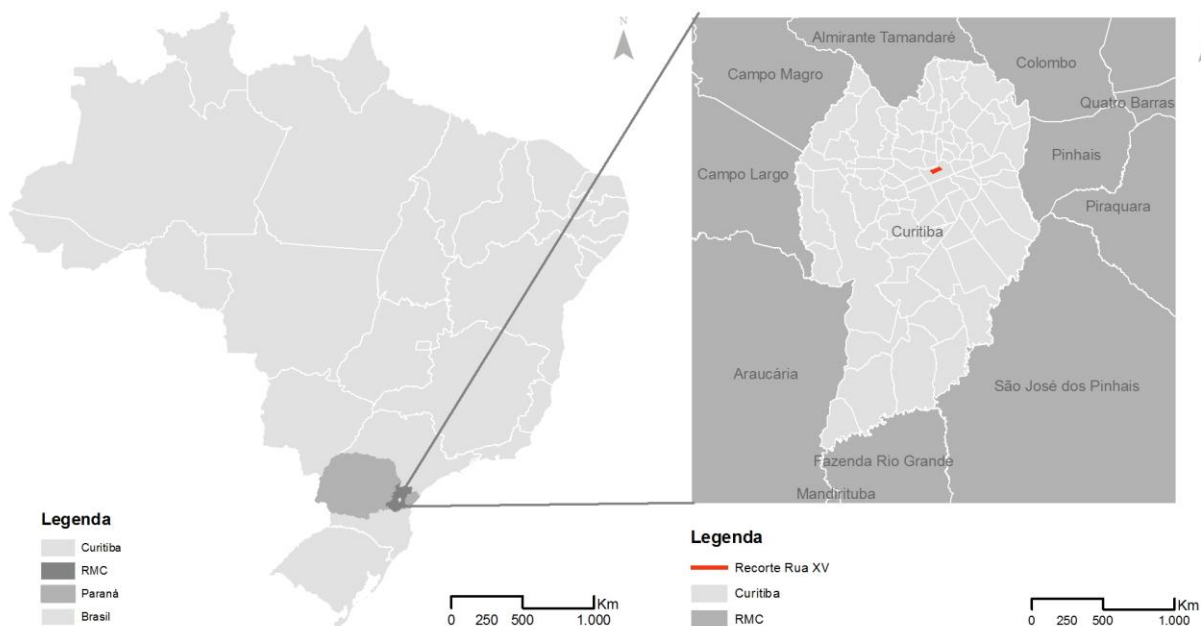


Figura 1- Localização da Cidade de Curitiba

Elaboração própria do autor a partir de dados do Instituto de Pesquisa e Planejamento de Curitiba – IPPUC.

Esta investigação identificou as principais alterações sofridas pela rua XV de Novembro ao longo do tempo, tanto em sua configuração local quanto no modo em que se insere junto ao tecido urbano da cidade de Curitiba como um todo. O estudo das relações entre forma física da cidade, atividades distribuídas no espaço e a apropriação do espaço público tem o propósito de reconhecer o significado da rua XV de Novembro, como componente da rede de espaços públicos da cidade. A investigação se dá por considerar a importância da rua como espaço público, assim como a autora Jane Jacobs:

As ruas e suas calçadas, principais locais públicos de uma cidade, são seus órgãos mais vitais. Ao pensar na cidade o que lhe vem à cabeça? Suas ruas. Se as ruas de uma cidade parecem interessantes, a cidade parecerá interessante; se elas forem monótonas, a cidade parecerá monótona... se as ruas da cidade estão livres da violência e do medo, a cidade está, portanto, razoavelmente livre da violência e do medo.” (JACOBS, 2003:29).

A avaliação do comportamento da Rua XV de Novembro ao longo da história tem a finalidade de recolher subsídios para um processo de proteção e qualificação espacial. A metodologia de trabalho está baseada em quatro principais ações. Primeiramente a análise histórica do desenvolvimento do traçado da cidade de Curitiba, resgatando a história de sua configuração espacial, focando explicitamente o papel da Rua XV de Novembro como eixo organizador e espaço público fundamental do centro da cidade. Posteriormente é avaliado o espaço da rua XV de Novembro, seu modo de inserção no todo da estrutura urbana e seus atributos locais, identificando as características indutoras ou restritivas ao uso e à apropriação do espaço público. Por fim é feita a identificação da atual forma de apropriação do espaço, comparando-a com as diversas formas de apropriação identificadas ao longo do tempo.

2 ESPAÇO PÚBLICO E VIDA URBANA: CONCEITOS E MÉTODO DE TRABALHO

As implicações do espaço construído, sobre a vida dos cidadãos, são fundamentais para o profissional arquiteto urbanista que atua na temática urbana. Dentro deste campo não são difíceis de encontrar, avaliações do tipo funcionais, bioclimáticas e econômicas sobre o meio urbano, temas abordados, por exemplo, por Holanda (2002), Kohlsdorf (1996) e Turkienicz (1986). Este trabalho busca respostas além das conhecidas, vai atrás de um aspecto bastante específico das cidades: a relação entre forma urbana, o modo

como está configurada a sua rede de espaços públicos e as possibilidades que colocam em termos de apropriação pública, elementos associados à urbanidade, o atributo do meio urbano que envolve as condições de encontros e de reconhecimento comum. Com base nisso, o trabalho foi desmembrado em três níveis de análise, o estudo da forma, o reconhecimento das atividades e a verificação da apropriação.

2.1 Forma

No contexto do estudo da forma urbana, o primeiro nível de análise, e sua relação com a apropriação do espaço público, este trabalho tem como principal referência teórica e metodológica, o trabalho realizado junto à Universidade de Londres, sob a direção de Bill Hillier, denominado “Teoria da Sintaxe Espacial” (Hillier & Hanson, 1984). A Sintaxe Espacial é basicamente uma ferramenta de descrição da forma espacial da cidade. A Teoria procura compreender a forma urbana como criadora de um campo de possibilidade para a utilização social do espaço. Segundo Hillier é possível demonstrar como a configuração da malha viária, pode ser um aspecto definidor dos fluxos de movimento. As malhas viárias são capazes de concentrar ou restringir esses fluxos e estabelecer hierarquias que constroem uma rede de diferenças nas diversas vias que compõem um sistema urbano. Este posicionamento é expresso no conceito de “comunidade virtual”, de Bill Hillier:

A forma espacial cria um campo de encontros e co-presença possíveis (ainda que nem sempre realizáveis), dentro do qual vivemos e nos movemos. Ainda que isto não leve a uma interação real, este campo, ele mesmo, constitui-se em um recurso sociológico e psicológico importante. (...) O chamarei de comunidade virtual, querendo dizer que ele existe, mesmo que latente e sem se realizar (Bill Hillier, 1986:12).

Ainda segundo Hillier (1986), a estruturação de uma comunidade virtual forte, que gera um entorno com forte potencial de encontros, relaciona-se muito mais à maneira como a forma se organiza numa escala global (todo) do que em relação às características locais dos lugares. Este trabalho, portanto, avalia dentro do recorte da rua XV de Novembro, a “comunidade virtual”, expressada pela forma dentro do contexto da cidade como um todo.

Frederico de Holanda (1988, 2002), com as mesmas bases conceituais de Hillier desenvolveu e adaptou à realidade brasileira um método de análise do espaço público de uso coletivo, que ofereceu muitos subsídios ao presente trabalho. A sequência metodológica proposta por Holanda (1988) baseia-se na análise morfológica: relação entre estrutura formal e distribuição de usos e atividades no tecido urbano e verificação do real uso dos espaços urbanos. Holanda avança na pesquisa de Hillier, ao propor análises que extrapolam o limite da forma, envolvendo a espacialização das atividades e usos do solo, uma vez que esta localização gera efeitos próprios de co-presença. Em outro nível de análise envolve a própria sociedade, buscando uma congruência entre a sintaxe da forma e a distribuição das atividades, com a efetiva apropriação cotidiana. Este método de Holanda orientou os níveis de análise utilizados neste trabalho.

2.2 Atividades

Este segundo nível de análise diz respeito especificamente à ordenação das pessoas pela forma física através da verificação das atividades e funções locadas nas margens dos espaços públicos. Valorizando a multifuncionalidade, Jacobs (2003) defende que as distribuições funcionais se refletem em determinados arranjos sociais. Advoga por ruas bem conectadas, densamente povoadas, onde as pessoas se sentiriam mais seguras pela presença de outras pessoas.

Os arranjos funcionais geram diferentes padrões de relacionamento entre as pessoas. Observaram-se como as diversas atividades locadas no espaço público se relacionam com a estrutura física levantada no estudo da forma. Além disso, foi observado como se dão os efeitos dessas atividades no espaço público no tocante ao conceito de co-presença. A respeito da utilização do espaço, Holanda (2003) completa:

“Às barreiras e às permeabilidades físicas sobre o chão (sintaxe) se superpõem regras de utilização (semântica) que acrescentam significado simbólico à sintaxe do lugar e contribuem para constituir – produzir e reproduzir – padrões de interação social” (HOLANDA, 2003:25).

2.3 Apropriação

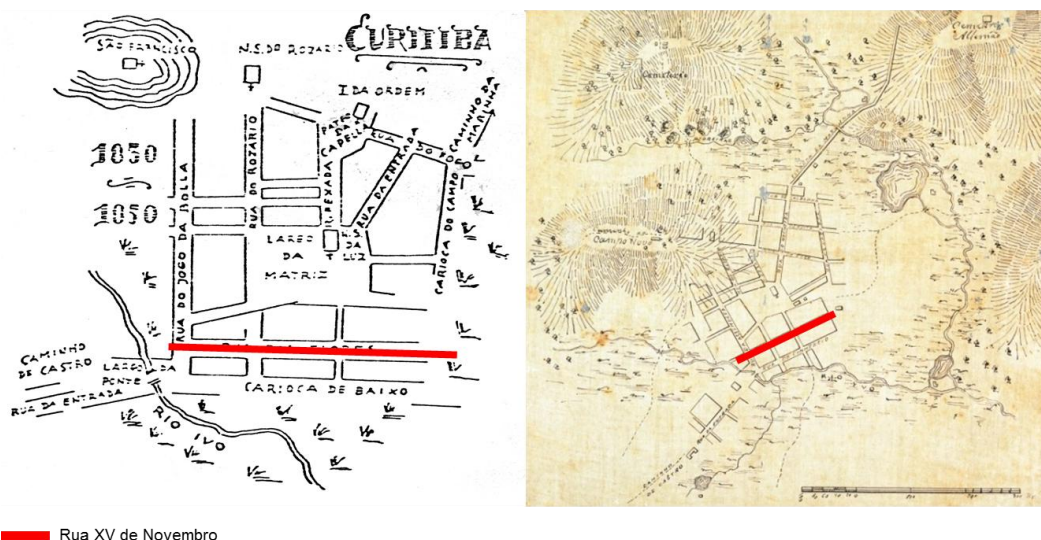
A análise deste nível se ocupa particularmente da sociedade como distribuição e disposição de pessoas no espaço. Interessou-nos identificar a relação do espaço de uso público, dentro do recorte escolhido, no modo de vida da população. Nesta etapa da análise avaliou-se a “comunidade virtual” detectada nas análises anteriores, se há a coincidência entre o campo de encontro provável e a co-presença real do espaço. As potencialidades são identificadas em uma avaliação da efetiva apropriação dos lugares de uso público. Foi avaliado como as variáveis da análise da forma e do arranjo das atividades se manifestam em efetiva apropriação do espaço de uso público.

3 A RUA XV DE NOVEMBRO E SEU CONTEXTO: EVOLUÇÃO HISTÓRICA

A primeira ocupação da cidade se deu no século XVII, em 1649 quando uma expedição saiu do Rio de Janeiro, aos “Campos de Queritiba”, para encontrar, sertão adentro, novas minas de ouro, já que as minas do litoral estavam escassas. Em 1650 registra-se a criação de uma pequena povoação, chamada Vilinha, às margens dos Rios Atuba e Bacacheri. Só em 29 de março de 1693, foi promovida a instalação da Vila Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais, tempos depois chamada de Curitiba. (FENIANOS, 2012). Com o Tropeirismo, no século XVIII que a Vila se desenvolveu como um importante ponto de comércio para os tropeiros que viajavam com o gado de Viamão, no Rio Grande do Sul, a São Paulo e Minas Gerais.⁴ “Curitiba está ao lado do caminho e é frequentada pelos tropeiros, recebendo benefícios indiretos do tropeirismo” (DUARTE, 2002:21).

No século XIX tem início um grande avanço na cidade. O comércio de gado era grande a exploração da erva-mate surgia como forte atividade. O desenvolvimento das atividades econômicas trouxe muita riqueza para a cidade. Em 1812 a sede da 5ª Comarca de São Paulo passa de Paranaguá, litoral paranaense, para Curitiba, e em 1842 a vila é elevada à categoria de cidade. Somente 1853 o Paraná se emancipa e Curitiba se torna a capital da província.

Um dos primeiros registros da planta da cidade data de 1850 (Figura 2). Além do largo principal, o da matriz, observa-se a consolidação da rua XV de Novembro, próximo ao núcleo de origem da cidade. É possível observar que desde o início da povoação a rua apresenta um papel importante na estrutura da cidade. Apesar do tamanho do núcleo em 1850, a rua XV de Novembro apresenta-se como uma das mais extensas ruas da cidade. Segundo Duarte (2002), “a rua era o local onde se concentrava o maior número de construções e também as edificações de maior relevância no contexto da época”. Em 1863, o crescimento da cidade já é maior, e ainda segundo Duarte (2002), é na Rua das Flores (atual rua XV de Novembro) que se levanta o maior número de prédios. “Lá estão as repartições da polícia e das Terras, e existe até hotel com lampião na porta”.



Rua XV de Novembro

Figura 2 - Mapas do traçado urbano de Curitiba em 1850 e 1857, em vermelho a Rua XV de Novembro.

Fonte: Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba – IPPUC, com intervenção do autor.

⁴Este trajeto era conhecido como Caminho do Viamão. Nesta época os fazendeiros deixavam suas fazendas, alugando-as para os tropeiros durante as invernações e se mudavam para Curitiba, onde abriam diversos comércios para atender os viajantes tropeiros.

Neste período, início da segunda metade do século XIX, o acesso ao núcleo principal da cidade se dava por duas vias, uma a nordeste e outra a oeste. A nordeste, a Estrada da Graciosa, ligava Curitiba ao Litoral, já a oeste, A Estrada do Mato Grosso, caminho que ligava Curitiba ao Interior. Observa-se em 1850 e 1857, o crescimento da cidade na direção destes acessos, e a Rua XV de Novembro no do centro do núcleo urbano.

No final do século XIX, Curitiba ganha duas importantes obras. Em 1885 acontece a inauguração da estrada de ferro que ligaria Curitiba ao litoral do estado, e em 1886 surge o primeiro parque urbano: o Passeio Público que se instala próximo ao núcleo inicial e junto à entrada de acesso a cidade a nordeste conforme podemos observar no mapa de 1894 (Figura 3). “Se a Estação Ferroviária dá a cidade um ponto central de referência, Curitiba passa a desfrutar no ano seguinte de outra sensacional inovação: o Passeio Público.” (DUARTE, 2002:38). Com a criação do passeio público no final do século XIX, e a proximidade dele com a Rua XV de Novembro, houve uma interação muito grande entre a principal rua da época, com o principal parque da cidade, ambos os espaços para lazer e interação social.

O início do século XX se dá com o desenvolvimento da malha urbana nas duas antigas linhas/eixos de entrada na cidade, e na direção sul-sudoeste, ocupando região com terrenos não tão acidentados como ao norte e ao mesmo tempo evitando o cruzamento com a ferrovia recém-construída que se localizava a sudeste do núcleo inicial. Em volta da porção central, localizada entre as duas principais “entradas” da cidade se dá a localização das camadas de mais alta renda, com suas residências. Ao sul desta porção se dá a formação de uma área industrial, nas proximidades da estação ferroviária, construída no final do século anterior. A Rua XV de Novembro se configurou em uma região muito estratégica na região central da cidade, está posicionada entre as duas regiões de concentração das camadas de alta renda, Batel e Alto da Glória, entre duas das principais praças no núcleo central, assim como do largo da matriz, ponto inicial da cidade, e do primeiro parque urbano, o passeio público. Observamos ainda sua posição extremamente centralizada no contexto da malha urbana como um todo.

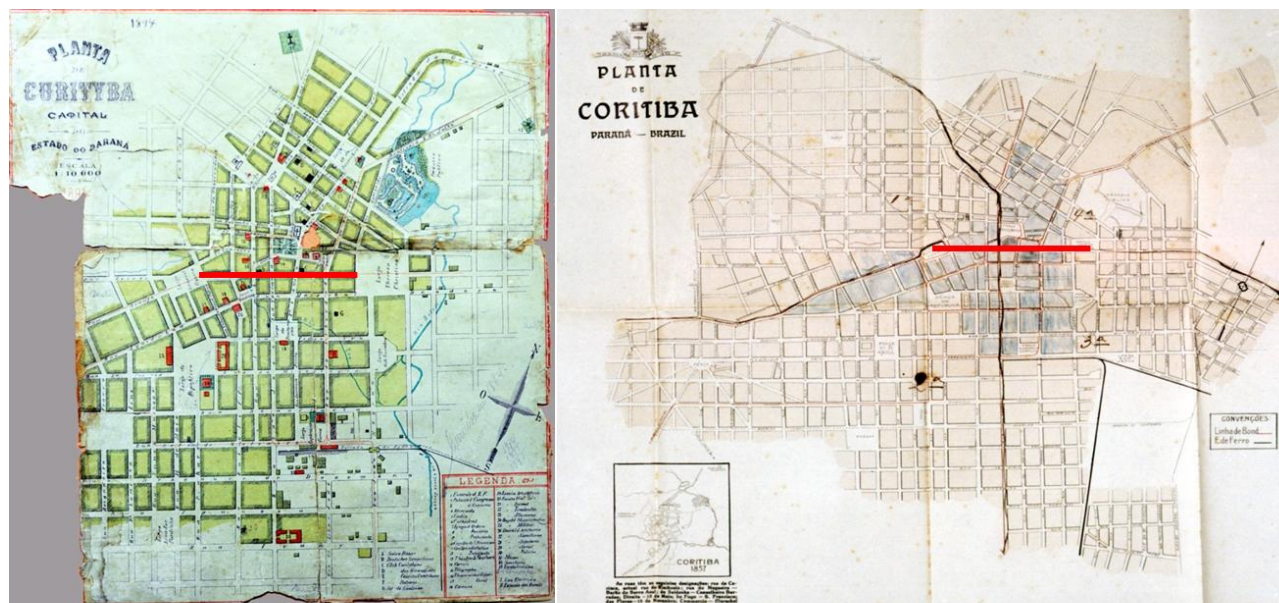


Figura 3 - Mapas do traçado urbano de Curitiba em 1894 e 1914, em vermelho a Rua XV de Novembro.
Fonte: Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba - IPPUC

No período de 1910 a 1930 a cidade demonstra preocupação com a rua XV de Novembro, o seu principal espaço público. No início do século são determinados novos padrões de calçamento para a região central e é trocado todo o calçamento da Rua XV. Aos poucos o centro foi concentrando cada vez mais estabelecimentos de comércio e serviços, além de instituições públicas. Mas foi a partir de 1915, com a intensificação da atividade de extração de madeira que as atividades comerciais se desenvolveram mais na cidade. Em 1920 a maioria das edificações, apesar do crescimento do comércio, ainda era residencial. A Rua XV de Novembro foi se consolidando cada vez mais como espaço fundamental da cidade, com diversos locais de comércio e lazer.

No início da década de 40, com uma população que já ultrapassava 140 mil habitantes, é previsto um grande plano urbanístico para a ordenação da cidade. Com o “Plano Agache”, em 1943, do arquiteto francês *Alfred Agache* há a intervenção em diversas vias, obras de infraestrutura de saneamento, definição de áreas industriais, centro cívico, centro politécnico e área para mercado municipal. O Plano Agache se propunha principalmente a descongestionar, sanear e embelezar Curitiba, propostas vindas do período do Estado Novo de Getúlio Vargas no contexto brasileiro. O plano previa a concentração de diversas funções em determinados espaços específicos, denominados “*centros funcionais*”. O centro cívico, previsto pelo Plano Agache, acabaria sendo uma das principais intervenções no contexto urbano da cidade, pensado para acolher a sede do governo estadual e demais órgãos governamentais. O centro cívico foi previsto ao norte da cidade, para compensar o crescimento ao sul da porção central. Neste período a região central se consolida como espaço essencial aos cidadãos, pois com o crescimento da malha urbana, foi lá que permaneceram as diversas atividades necessárias a vida social.

A década de 50 é caracterizada pela construção do centro cívico ao norte da malha urbana. Os edifícios públicos como a sede do governo estadual, a sede da prefeitura municipal, e os poderes legislativo e judiciário estadual são transferidos para o novo espaço. O novo local, ainda não ocupado, faz com que o processo de crescimento urbano se dirija em sua direção, contrapondo-se ao crescimento natural da cidade para a região sul. Apesar da nova localização do centro político do estado e da cidade de Curitiba, é a Rua XV de Novembro que se consolida como espaço político e social da cidade. Durante as décadas de 1950 e 1960 diversos eventos acontecem no espaço, como corridas, visitas internacionais, comícios políticos, manifestações e esportes diversos (Figura 4 e Figura 5).

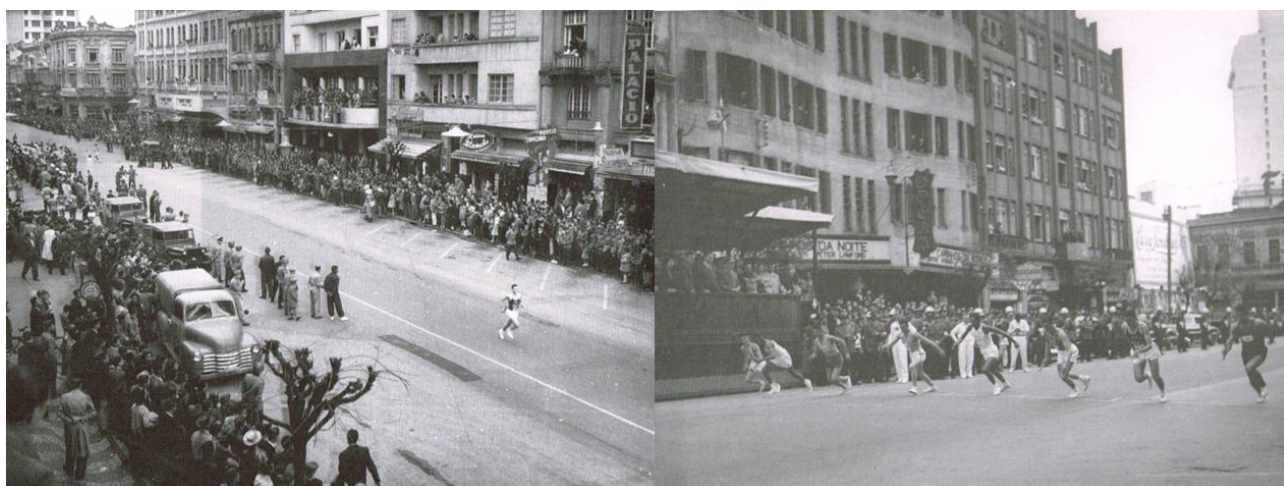


Figura 4- Competições esportivas na Rua XV de Novembro na década de 60
Fonte: Stocchero, 2010.

Durante a década de 60, ocorre também o segundo e principal plano urbanístico da cidade, o qual acabaria por moldar o perfil da cidade até os dias atuais. Sob a direção de Jorge Wilhelm o plano é desenvolvido, sendo caracterizado pelo direcionamento da expansão urbana, integrando transporte coletivo, uso do solo e sistema viário. O plano consistia na “*linearidade de expansão do centro ao longo de linhas estruturais*” (CURITIBA 1966). Tinha como base principal prever o crescimento da região central ordenadamente pelo território, através de faixas estruturais com maior adensamento e que junto à mobilidade necessária para o deslocamento pelo território. Foi prevista tanto a mobilidade pública, por meio do sistema de faixas exclusivas ao transporte coletivo como a mobilidade através do transporte individual, por meio de vias rápidas em dois sentidos, bairro centro e centro bairro. Foram projetados dois principais eixos, que abrigavam essas características, um norte/sul e outro leste/oeste. Ao mesmo tempo em que previa o direcionamento e expansão da malha urbana, o projeto atingiu também as zonas residências já existentes na época.



Figura 5- Manifestações e desfiles na Rua XV de Novembro - década de 60

Fonte: Duarte, 2002.

Para o centro da cidade, o Plano Wilhelm previa a criação de um anel de tráfego, isolando a região, e obrigando os grandes fluxos a tangenciá-la (DUDEQUE, 2010). A ideia seria liberar o centro da cidade para o pedestre, criar mais espaço para o lazer urbano, além de mais uma vez, dentro da história da cidade, tentar resolver o problema do congestionamento de veículos (DUDEQUE, 2010). Em 1972, a Prefeitura Municipal, transforma a Rua XV de Novembro – a mais central e movimentada – no primeiro calçadão do país, conforme previa o Plano Wilhelm. Durante a década de 70, dá-se juntamente com a intervenção da região central, início de um processo de crescimento/deslocamento do centro, com a criação de um “novo centro” na região do Bairro Batel, oeste da região central. Nas próximas duas décadas subsequentes este novo centro se fortaleceria, fazendo com que o centro tradicional se enfraquecesse.

Apesar do Plano Agache, da década de 40, ter delimitado o bairro e o conjunto arquitetônico denominado Centro Cívico, onde ocorreria também a vida cívica, foi depois do calçamento da rua XV de Novembro em 1972 que o espírito político e social curitibano ganhou ainda mais força. No trecho mais próximo da Praça Osório, surgiu a Boca Maldita⁵, a agora curitibana, o local de encontros e a tribuna livre da cidade, o espaço cívico curitibano, para discussões e manifestações culturais e políticas. A constituição do espaço mais democrático da cidade se consolidaria no ápice da ditadura militar no país. A década de 1970, portanto, apresenta profundas transformações na região central e na Rua XV de Novembro. Ao mesmo tempo em que há um deslocamento das atividades de comércio e serviço para a região do bairro batel, com o fechamento da Rua XV de Novembro para veículos, o espaço ganha maior valor político e social, mas perde o comércio, os serviços e a habitação.

As décadas de 1980 e 1990 são marcadas, por um processo de enfraquecimento do centro tradicional. A Rua XV de Novembro, uma década após sua revitalização, passou a competir com outros espaços de lazer, comércio, cultura e interação social dentro da cidade. Houve a explosão cultural dos shoppings-centers, descentralização de serviços governamentais, criação e volta de olhares para novos espaços de lazer e cultura como Ópera de Arame, Pedreira Paulo Leminski, parques, bosques, memoriais, equipamentos urbanos que acabam tirando de foco elementos tradicionais para lazer e cultura como eram a rua XV de Novembro e o Passeio Público.

O bairro centro, dentro da região central de Curitiba, até a década de 1970 era o bairro mais populoso da cidade, com 37.086⁶ habitantes. Na década de 1980, outros bairros cresceram mais e o centro passou a ser o quarto maior bairro da cidade. Nas décadas de 90 e no início dos anos 2000 a população residente do entorno da rua XV de Novembro só caiu, hoje possui aproximadamente 37.283⁷ habitantes, passando a ser o 13º bairro com mais habitantes da cidade. Claramente observamos o “abandono” do centro para as habitações, e conseqüentemente para uso cotidiano dos espaços. Além disso, Segundo Schussel (2006), alguns fatores impactaram a região central de Curitiba, neste período, entre eles: o deslocamento de atividades de lazer, restaurantes e bares de classe média da área central para os bairros Seminário, Batel e água Verde, a mudança de hábito da classe média e alta para compras a lazer, com o surgimento dos shoppings centers. Com a descentralização das atividades, o centro tradicional da cidade de Curitiba perdeu, nestes últimos anos, bastante relevância para a população.

5 A Boca Maldita faz parte da Avenida Luiz Xavier, a avenida com apenas uma quadra, que inicia na Praça Osório e vai até a Tr. Oliveira Belo.

6 População segundo os bairros de Curitiba – IPPUC/Banco de dados

7 Censo de 2010 - População segundo os bairros de Curitiba – IPPUC/Banco de dados

4 ESTRUTURA CONFIGURACIONAL

A Teoria da Sintaxe Espacial (TSE) se caracteriza principalmente pela busca em analisar elementos espaciais através de suas relações com os outros componentes do sistema urbano. Segundo Hillier, cada espaço de uma cidade, só se caracteriza como tal, pelo seu desempenho no contexto como um todo, pelas relações que estabelece com os demais espaços, pela sua posição e pela “ligação” com os outros lugares. Na teoria da Sintaxe espacial, a construção sintática se refere à localização de determinada unidade (rua/prça) ou um conjunto de unidades em relação à estrutura da cidade. Segundo Holanda (2002), a Sintaxe Espacial compreende a articulação entre os elementos, tanto global (articulação dos elementos entre si e o papel que cada um representa no sistema como um todo) quando localmente (características dos elementos entre si).

A Teoria trabalha principalmente com duas medidas para as propriedades da configuração dos espaços urbanos: a integração e a escolha. A principal delas é a **integração**, que este trabalho utiliza. Basicamente essa ferramenta expressa, em média, o quanto um determinado espaço está próximo de todos os outros. Esta medida indica o maior ou o menor nível de integração entre as várias partes do sistema em estudo, sendo caracterizada pela distância relativa de uma linha (axial), ou um conjunto de linhas perante as demais linhas de todo o sistema. Podemos interpretar a integração de um segmento de rua de diferentes formas. O segmento pode realçar sua identidade como origem e destino dentro dos deslocamentos ocorridos no sistema urbano. Pode também exprimir a relação entre moradores e pessoas estranhas. Segundo Holanda (2002), maiores níveis de integração tendem a se relacionar com maior número de pessoas estranhas no espaço, já baixos níveis de integração tendem a se relacionar com maior número de moradores naquela localidade. A integração pode ainda indicar o esforço cognitivo para acessar o determinado segmento. Peponis (1992) descreve o objetivo da Teoria, por meio da medida de integração:

O objetivo é descrever a maneira como o sistema como um todo se relaciona a cada uma de suas partes constituintes, e como a multiplicidade dessas relações produz uma estrutura subjacente. A propriedade fundamental envolvida é a integração. A integração de cada lugar mede o número de outros espaços que intermediam a transição para todas as outras partes do sistema (PEPONIS, 1992).

A medida de integração tem por objetivo demonstrar a relação entre a estrutura configuracional de uma malha urbana e o movimento urbano, revelando os estímulos e desestímulos da malha ao movimento. Um espaço mais integrado revelará uma maior diferenciação espacial, estimulando o “fluxo natural” de pessoas e induzindo o surgimento de diversas atividades, segundo a apropriação do solo. Nos espaços com menor integração, há pouca diferenciação espacial, provocando normalmente ausência de movimento.

4.1 ANÁLISE GLOBAL – O PAPEL DA RUA XV NOVEMBRO NO CONTEXTO ESPACIAL DE CURITIBA

Nas figuras a seguir podemos observar o papel da rua XV de Novembro no contexto da cidade, desde o início da formação do núcleo urbano da cidade de Curitiba. As cores quentes, tendo o maior nível na cor vermelha, representam a parte do tecido urbano com maior integração, e as cores mais frias, tendo o azul escuro como maior nível, representam as áreas mais segregadas da mancha urbana. Os valores altos de integração global significam que o padrão de configuração urbana resulta em um forte movimento natural, seja de veículos ou pedestres.

No primeiro registro espacial da cidade de Curitiba, como observamos na análise histórica (Figura 6), e que revela o núcleo inicial da cidade, observa-se que apesar da Rua XV de Novembro (do detalhe da seta) já manifestar-se entre as primeiras vias da época, a rua mais integrada e acessível pelas demais ruas era a Rua Do Rosário (cor vermelha no mapa). No início do povoado, a rua XV de Novembro não era a rua mais integrada e acessível do sistema. O mesmo se repete em 1857, quando a rua XV de Novembro, apesar de compor o pequeno sistema urbano da cidade, ainda não se apresenta como a mais acessível e integrada. Essa característica é da então Rua do Fogo, atual Rua São Francisco, (cor vermelha no mapa), espaço de grande relevância urbana até os dias atuais.

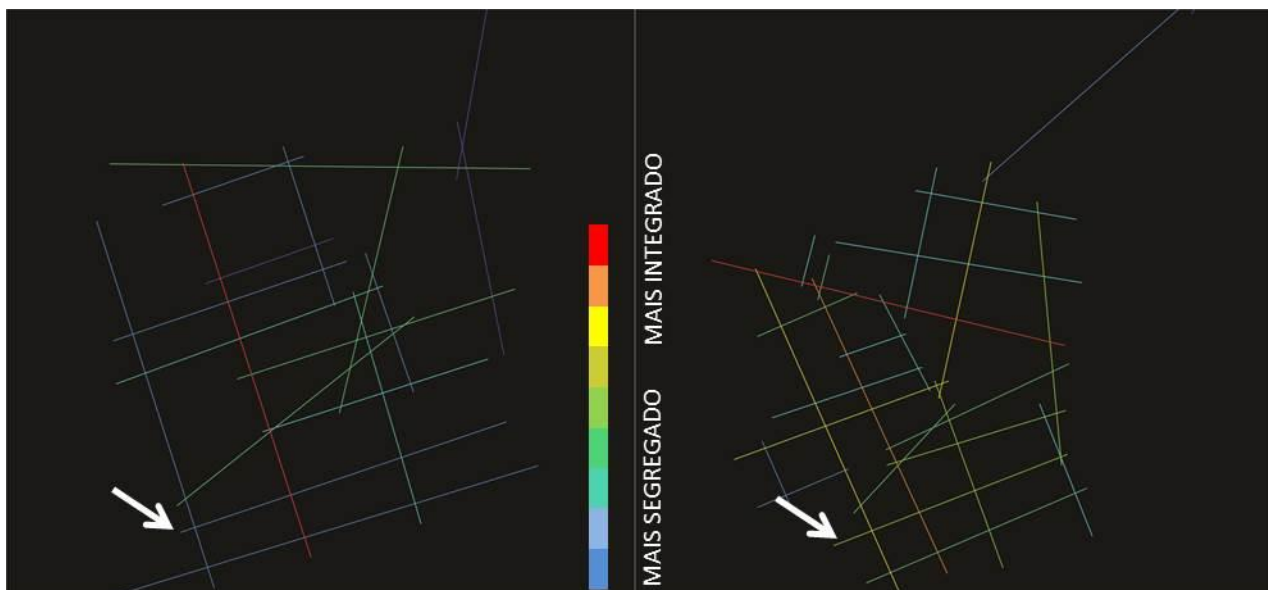


Figura 6 - Mapas axiais de Curitiba em 1850 e 1857, a seta localiza a Rua XV de Novembro.
Elaboração própria a partir dos dados do IPPUC

No final do século XIX, conforme registro de 1894 (Figura 7) é que a Rua XV de Novembro começa a adquirir um carácter mais central, mais integrado e mais acessível. Como se observa no mapa, à esquerda, nesta época só havia duas vias com essas características: no sentido leste/oeste da malha urbana a Rua XV de Novembro, e no sentido norte/sul a Rua do Rosário. No mapa axial de 1914, à direita, é possível verificar que houve um bom crescimento da malha urbana, com espaços de maior acessibilidade e maior integração com o restante da malha. Mesmo com o surgimento de mais pontos de maior integração a Rua XV de Novembro (linha vermelha horizontal, mais alto do mapa) continua sendo um dos espaços mais acessíveis do meio urbano.

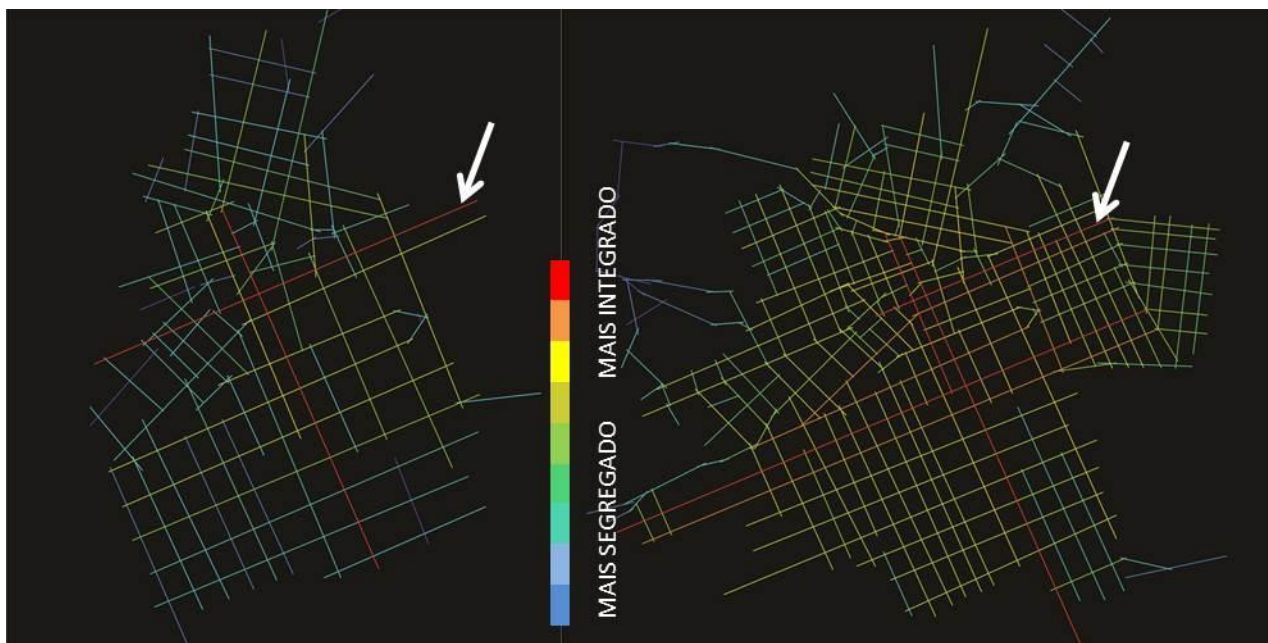


Figura 7 - Mapas axiais de Curitiba em 1894 e 1914 a seta localiza a Rua XV de Novembro.
Elaboração própria a partir dos dados do IPPUC

Em 1935 (Figura 8) percebemos a formação de um núcleo integrador na região central da cidade, principalmente na região da rua XV de Novembro e marco inicial da cidade de Curitiba.

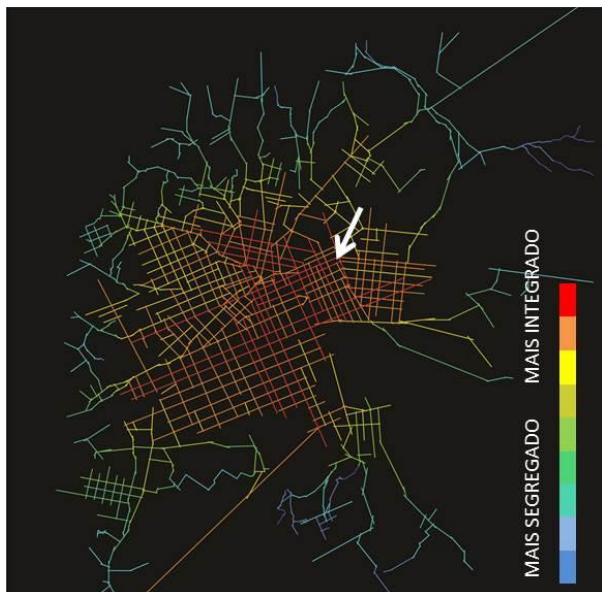


Figura 8 - Mapa axial de Curitiba em 1935, a seta localiza a Rua XV de Novembro.
Elaboração própria a partir dos dados do IPPUC

Em 1962 (Figura 9) constatamos que há um crescimento bem acentuado da malha urbana para sudoeste da cidade, a região central. A área onde se encontra a Rua XV de Novembro continua como núcleo integrador do sistema, porém, dentro desse contexto, a Rua XV já não se apresenta como espaço mais acessível da cidade, outras vias dentro deste núcleo, são mais acessíveis e integradas ao sistema completo. A década de 1960 apresentou um grande aumento da malha urbana da cidade, No registro 1971 podemos detectar um crescimento da malha em todas as direções do território. Observamos que apesar do avanço da malha em todas as direções, o núcleo mais integrado permanece na região central da cidade e a rua XV de Novembro continuam a se apresentar como um dos espaços mais integrados do sistema. Observa-se ainda um início de expansão do núcleo integrador para sudeste, em direção ao município de São José dos Pinhais, segundo maior município da Região Metropolitana de Curitiba.

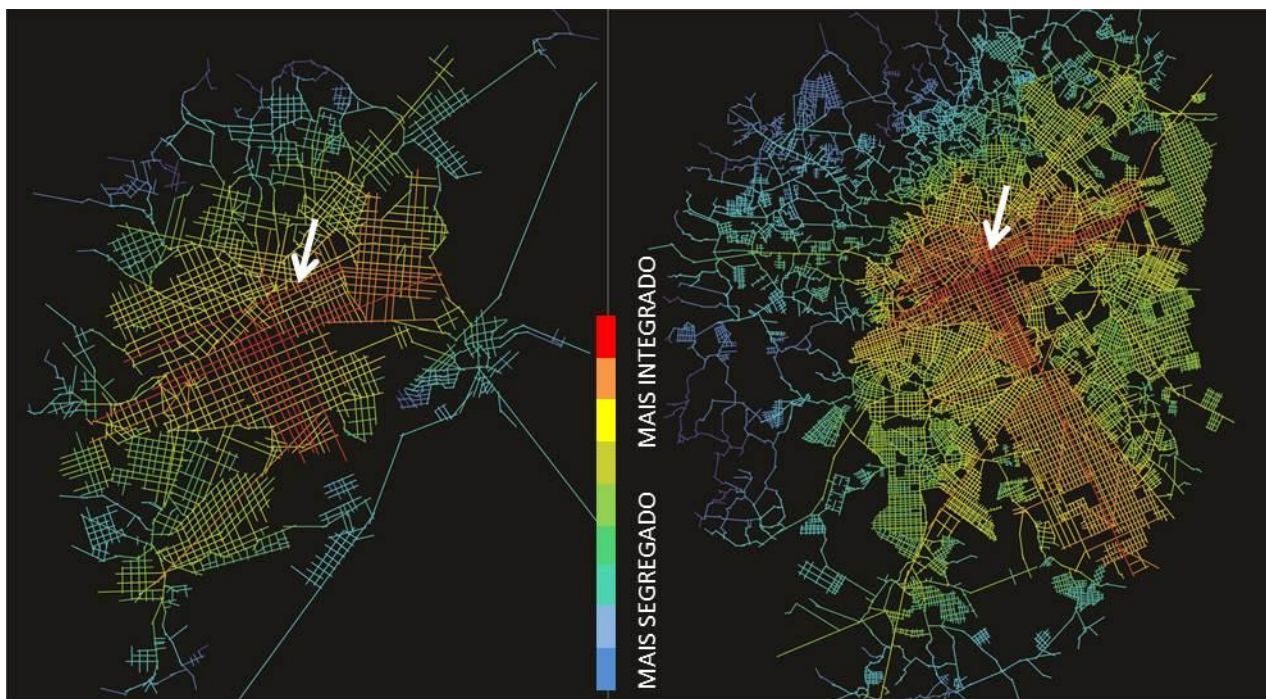


Figura 9 - Mapas axiais de Curitiba em 1962 e 1971, a seta localiza a Rua XV de Novembro.
Elaboração própria a partir dos dados do IPPUC

A malha urbana no final do século XX e início do século XXI (Figura 10), atinge quase que por completo a área do território municipal. O núcleo integrador não se desloca da região central da cidade. Observa-se também o elo entre Curitiba e São José dos Pinhais, município limítrofe a sudeste, direção da mancha mais integrada do sistema urbano.

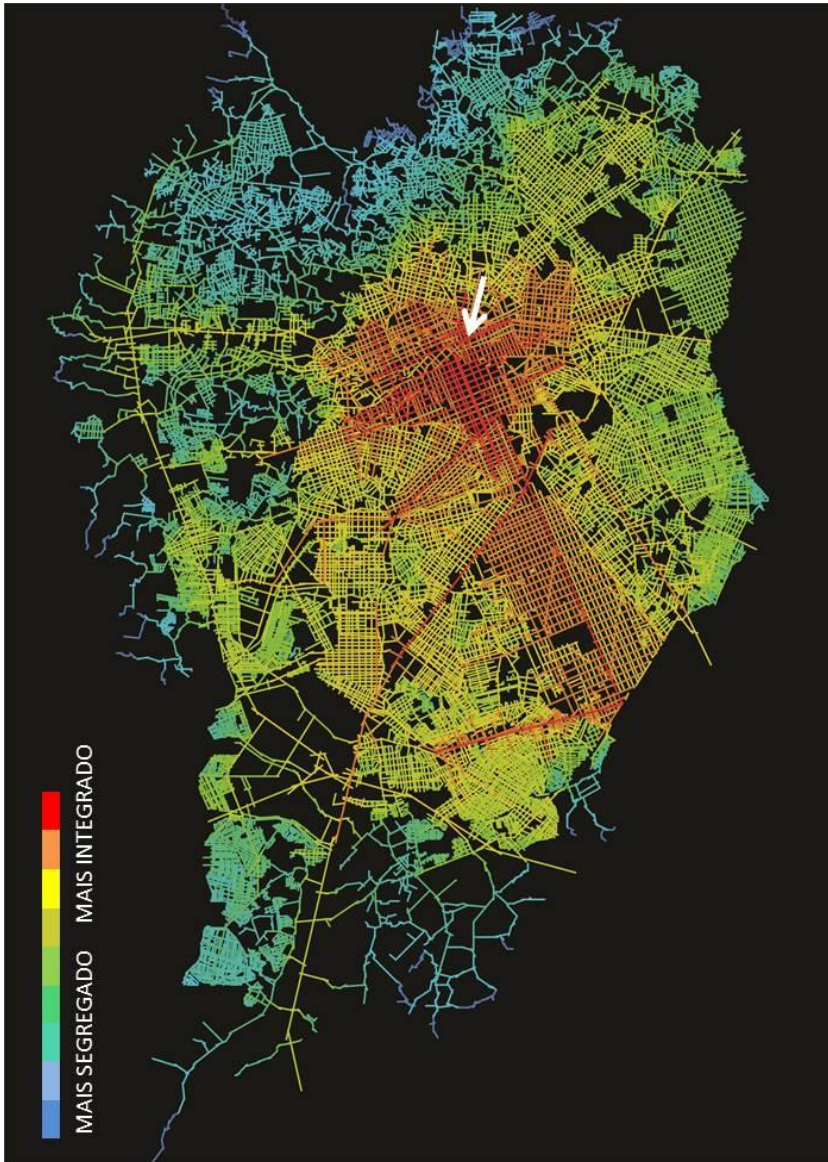


Figura 10 - Mapa axial de Curitiba em 2014, no detalhe, Rua XV de Novembro.
Elaboração própria a partir dos dados do IPPUC

No mapa axial mais recente da cidade, observamos que apesar de haver uma ligação entre Curitiba e São José dos Pinhais a Sudeste, o centro axial, e núcleo integrador da cidade continua no centro histórico da capital. A região onde se encontra a Rua XV de Novembro, sempre se apresentou como o espaço mais acessível e integrado de todo o sistema urbano, desde o início da ocupação até os dias atuais. Apesar de o centro ter se expandido em todas as direções como pudemos observar na avaliação histórica, o centro tradicional da cidade permaneceu com suas características morfológicas. Isso nos mostra que o centro da cidade, especificamente a rua XV de Novembro apresenta grande potencial de urbanidade. Dentro dessa constatação os espaços sinteticamente mais integrados com maior urbanidade na escala global, tendem também a ser aqueles com maior vitalidade.

4.2 ANÁLISE LOCAL – RUA XV DE NOVEMBRO

A fim de complementar as informações acerca do potencial de co-presença e apropriação do espaço público, obtidas por meio da leitura da forma da cidade como um todo e através dos mapas axiais, faz-se análise também das atividades e usos do solo distribuídas no local de estudo. Acredita-se que as atividades podem reforçar os atributos de centralidade identificados na axialidade. Este reforço na centralidade decorre dos efeitos potenciais que os distintos usos exercem na sustentação dos espaços públicos. Para fazer a avaliação foram identificadas todas as atividades distribuídas na rua XV de Novembro e no seu entorno por meio de levantamento de campo. Para tal análise, as atividades levantadas foram divididas em atividades de comércio e serviços, usos mistos, com habitação, usos hoteleiros e usos institucionais.

Acredita-se, conforme Jacobs (2000), na necessidade de diversidade de funções, para uma maior e mais variada distribuição de pessoas nos espaços públicos adjacentes. Segundo a autora, a rua é o elemento vital para a cidade, que devem ser intensamente utilizadas, acessíveis e bem conectadas, com diversidades de funções e alta densidade de pessoas. É com base nesse contexto que avaliamos as características da rua XV de Novembro.

Abaixo observamos o recorte da Rua XV de Novembro que foi utilizado para a sua leitura local. Primeiramente a rua no contexto da cidade, com seus 75 bairros (em vermelho no centro), ao lado em uma escala menor, a rua XV de novembro delimitada dentro do recorte. O trecho é compreendido entre as praças Osório e Santos Andrade, trecho que compreende também o calçamento para pedestres. Observamos ainda a delimitação da rua XV de Novembro dentro da delimitação do bairro centro (cinza claro).

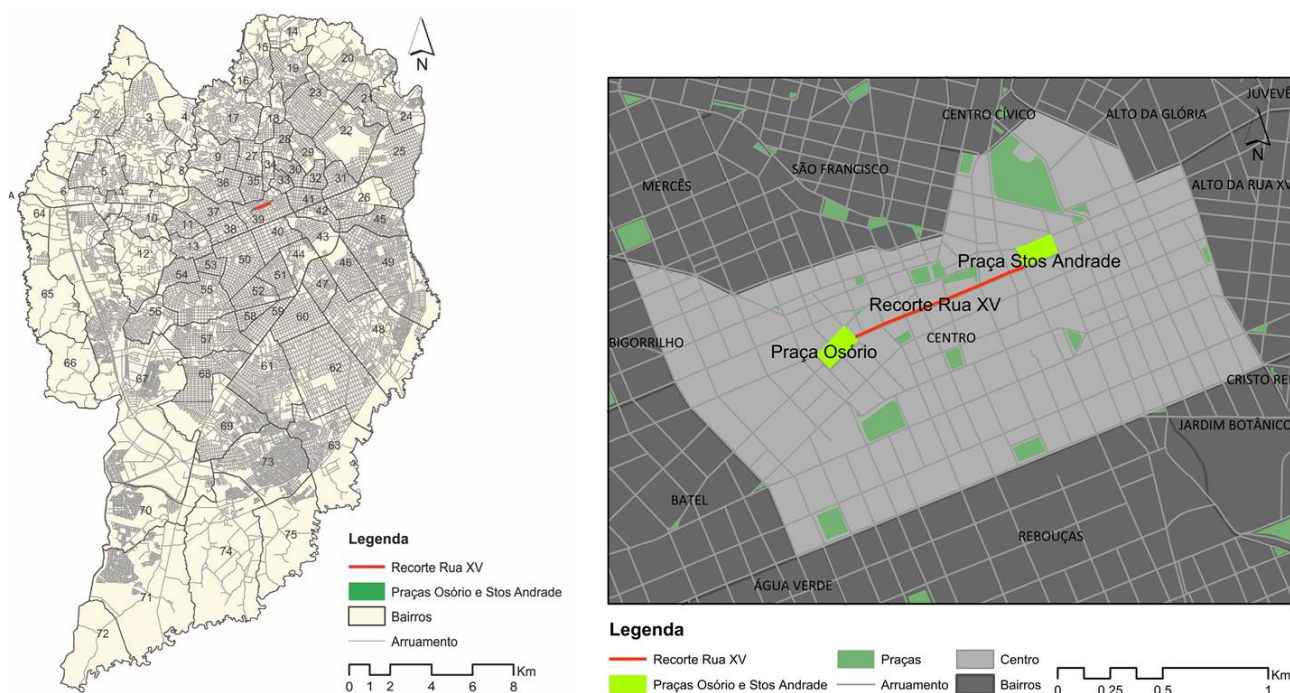
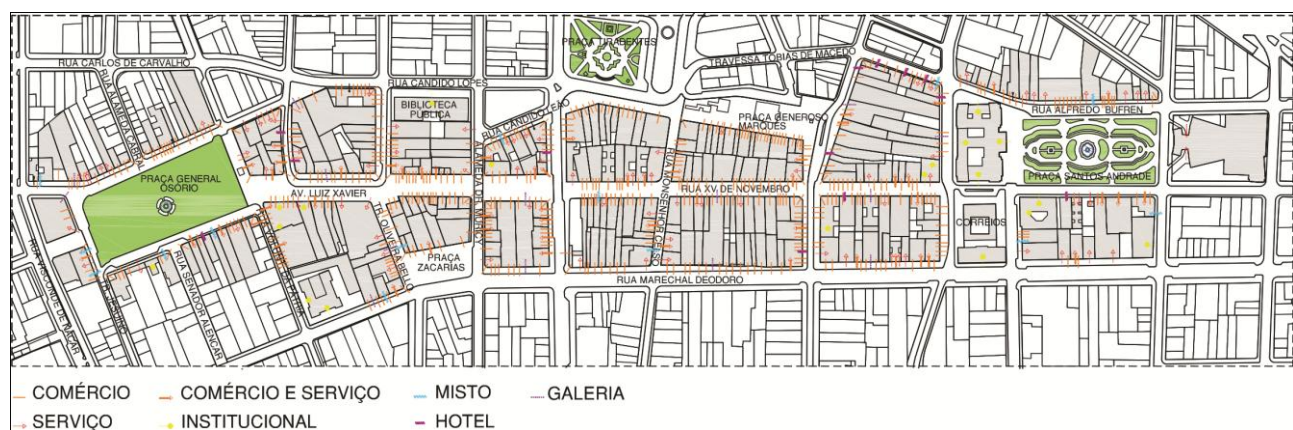


Figura 11 - Recortes da Rua XV de Novembro
Elaboração própria a partir dos dados do IPPUC

[illegible]

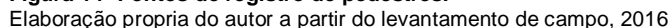
Na Figura 13, são identificadas as constituições entre o espaço público e o espaço privado, ou seja, as portas que permitem a interface entre o pedestre e os usos dentro das edificações. As aberturas relacionam o habitante, o comerciante ao pedestre da rua. A expressão “olhos da rua” de Jacobs (2000) relacionando-se ao controle local do espaço público simboliza esta análise. A interface entre os espaços, o “entra e sai”, alimenta o espaço público de pessoas em uma escala local. Elas podem acontecer com grande frequência, ou ocasionalmente. No segundo caso, isso acontece devido a fachadas cegas e fachadas sem integração com a rua, com o espaço público.



Observamos que o número de constituições, principalmente os de frente à Rua XV de Novembro, é bem grande, o que favorece a alimentação do espaço público por pessoas. Pela grande quantidade de constituições de comércio, serviço, e comércio e serviço, já podemos imaginar que, durante o horário de funcionamento destas atividades, o espaço de uso público estará bem servido de pedestres. A interface entre o público e o privado é bem grande. O que novamente nos chama a atenção é a quase nula interface entre uso habitacional e espaço público na rua XV de Novembro. Ou seja, os “olhos da rua”, de Jacobs (2000) funcionam somente entre o comerciante e o passante. Quando não há o comerciante não há olhos, não há passante, não há diversidade, não há rua, não há vida. Nas figuras a seguir observamos características de uso e apropriação da rua XV de Novembro, durante o dia, em período comercial, e

É claro as distintas faces que a rua XV de novembro já apresentou na sua história. A rua que já foi uma das principais avenidas da cidade, com diversas atividades que serviam a toda a população, hoje apresenta características bem diferentes de quando em tempos passados.

Esta análise tem como objetivo principal entender a relação entre a forma urbana, e a distribuição de atividades no contexto da apropriação cotidiana. Como visualizado nas análises anteriores, a rua XV de novembro se encontra hoje homogênea, e pouco diversificada com relação as seus usos. Abaixo apresentamos os efeitos dessa homogeneidade sobre a apropriação do espaço público. Para realizar a análise foram escolhidos dois pontos aleatórios, um em cada extremidade da rua XV de Novembro, denominados de pontos 1 e 2 (Figura 14). Nos dois pontos e em dois períodos do dia, foi levantada a quantidade de pedestres que cruzavam o onde foi feita a contagem, durante um período de 5 minutos, conforme a Tabela 1.



Elaboração própria a partir do levantamento de campo, 2016

No fim de semana, dentro do mesmo horário comercial, o número de pedestres foi menor que o do dia de semana, visto que muitos dos pontos são de comércio e serviço, ou seja, muitos dos frequentadores do espaço trabalham na região. Já o número de pessoas no fim de semana, e fora do horário comercial, é muito pequeno, provando que as atividades locadas no espaço influenciam e muito a apropriação. No caso a falta delas, faz com que não haja apropriação adequada (Figura 16aeb).

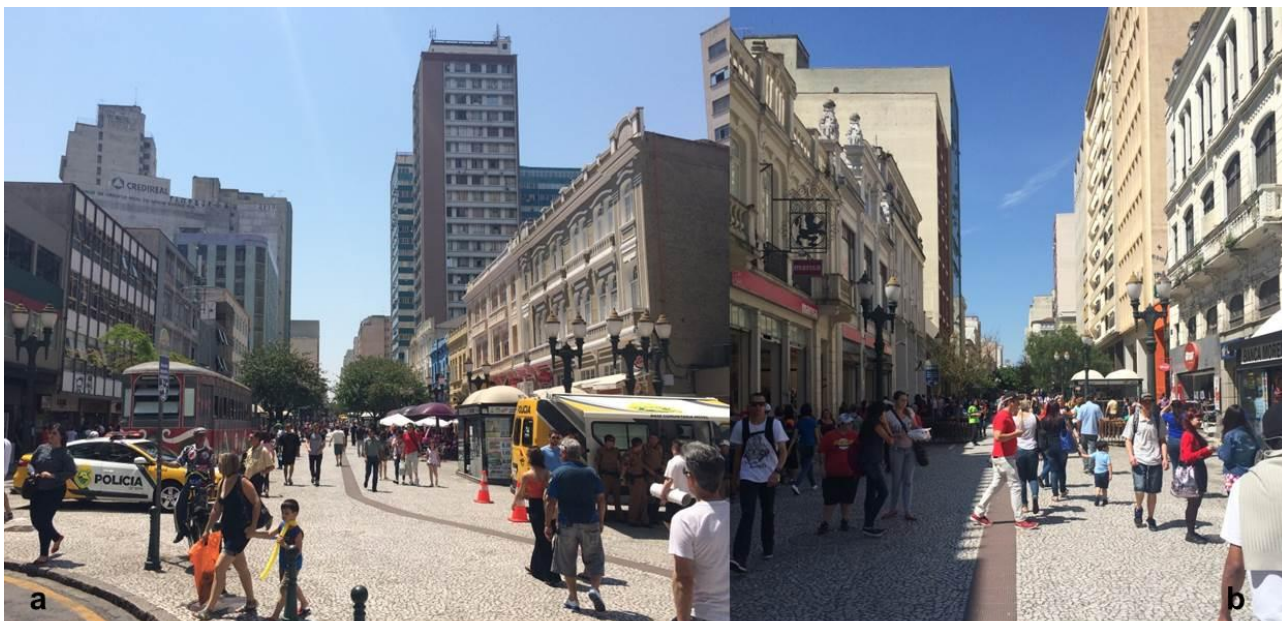


Figura 15aeb - Fluxo e movimento de pedestres na rua XV de Novembro em horários comerciais.
Foto do autor.

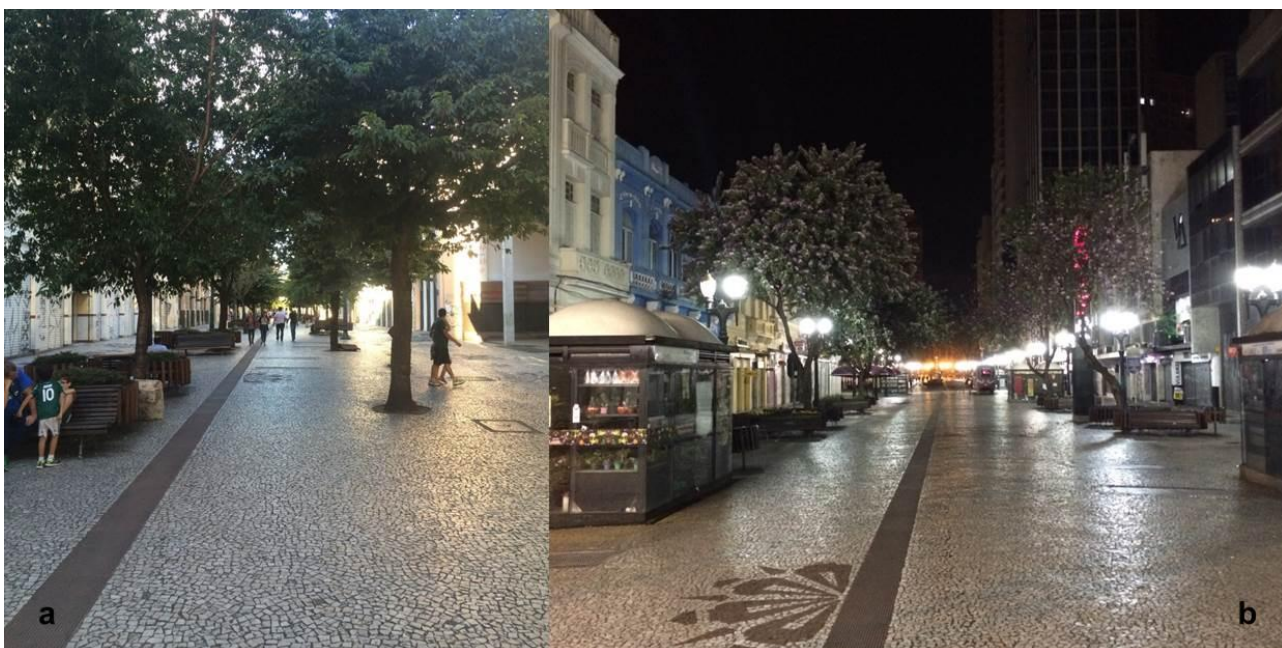


Figura 16 - Fluxo e movimento de pedestres na rua XV de Novembro. (a) Sábado à tarde, (b) período da noite.
Foto do autor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizou-se neste trabalho, uma análise da Rua XV de Novembro, na cidade de Curitiba, relacionando a forma física, a localização e a distribuição de usos e atividades com a efetiva apropriação do espaço público. Examinando como a Rua XV de Novembro se mostrou dentro da cidade, durante toda a sua história, constatou-se que a estrutura sintática de Curitiba, na maior parte do tempo, favoreceu a apropriação da Rua XV de Novembro. A partir do final do século XIX, a rua XV de Novembro passou a ser uma das vias mais integradas do sistema urbano. E com o crescimento da malha, durante todo o século XIX, foi se formando na região da Rua XV de Novembro, o núcleo integrador da cidade. Esta leitura nos mostra a força da região central da cidade, e da rua XV como estrutura integrada e acessível aos demais pontos da cidade. Portanto podemos constatar que a forma urbana favoreceu a apropriação do espaço público da rua XV de Novembro. Podemos dizer que a configuração da região central da cidade de Curitiba,

principalmente no tocante à rua XV de Novembro, dentro da sua forma, possui urbanidade, “recebe”, “acolhe” as pessoas.

Já localmente, essa apropriação sofreu maior modificação ao passar do tempo. Pudemos perceber, pela leitura histórica, que até a década de 70 a rua XV de Novembro era o principal espaço público da cidade, com as principais atividades alocadas nela. A partir deste período, a cidade de Curitiba sofreu com diversos fenômenos como deslocamento de um centro de negócios e de habitação, surgimento de diversos “shoppings centers”, descentralização dos serviços municipais, além da criação de diversos outros pontos turísticos e de lazer ao cidadão. Tais fenômenos fizeram com que a região central e principalmente a rua XV de Novembro perdessem relevância para o cidadão. Hoje, verificamos que os usos e as atividades distribuídas sobre o solo, não reafirmam o potencial de apropriação que a região tem, verificada na análise global. A interface entre público e privado (constituições) também não contribuem com a diversidade de pessoas, e de horários no espaço público. Neste caso os “atratores” da rua XV de Novembro não complementam o potencial expressado pela forma urbana.

Após a leitura da forma e das atividades realizada, houve o cruzamento delas com a efetiva apropriação existente no espaço público. A sintaxe espacial declarou-se eficiente na descrição das características do tecido urbano, mas as atividades distribuídas sobre o solo se sobressaem na verificação da apropriação. Apesar da rua XV de Novembro estar bem integrada ao contexto da cidade, a falta de diversidade de usos, faz com que o espaço público sofra expressiva mudança durante o dia. De “multidão” de pessoas durante o horário comercial, o espaço público vai a “deserto” de pessoas em horários não comerciais. A urbanidade da Rua XV de Novembro acaba, portanto, sendo prejudicada. Verificamos expressiva incompatibilidade entre a distribuição de atividades e a estrutura axial da cidade, no tocante à Rua XV de Novembro. A estrutura bem integrada dessa região está sendo utilizada apenas pelas atividades comerciais e em determinados horários do dia. Essa excessiva quantidade de usos comerciais e de serviços expulsaram demais usos como o residencial.

Avaliamos a necessidade de se buscar formas de incentivo à diversidade de usos, na rua XV de novembro. Através principalmente da intensificação das atividades residenciais e hoteleiras junto às atividades comerciais. São necessários usos que sejam em horários fora do horário comercial convencional, para que a apropriação cotidiana seja estendida nos períodos noturnos e nos fins de semana. Somente desta forma, as atividades poderão reforçar o potencial identificado pela análise axial para a apropriação do espaço público, e assim atingir a urbanidade requerida.

Como continuidade a este trabalho, propomos o estudo semelhante para outras cidades brasileiras a fim de que novos estudos permitam comparações a partir dos padrões configuracionais das cidades. Este estudo abrange uma etapa relevante para o entendimento da complexidade de nossas cidades, e pretende contribuir na consolidação do planejamento urbano comprometido com os elementos ligados à apropriação do espaço público e da urbanidade.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Douglas (2012) Urbanidades. Em AGUIAR, Douglas, NETTO, Vinicius M. (org.), Urbanidade e a qualidade da cidade (61-79). Rio de Janeiro: Folio Digital

CURITIBA, Prefeitura Municipal (1966). Relatório Gestão 63/66 (mais ação e menos conversa). Curitiba.

DUARTE, Ótávio (2002). Imagens da evolução de Curitiba. Luiz Antonio Guinski. Curitiba.

DUDEQUE, Irã Taborda (2010). Nenhum dia sem uma linha: uma história do urbanismo em Curitiba. São Paulo: Studio Nobel.

FENIANOS, Eduardo Emílio (2012). Almanaque Kúr'ýt'yba. Univer Cidade. Curitiba.

HILLIER, Bill & HANSON, Julienne (1984). The social Logic of Space. Cambridge University Press.

HILLIER, Bill. (1986). Morfologia Urbana y las Leyes del Objecto. (mimeo)

HOLANDA, Frederico de (1988). Forma e Uso do Espaço Urbano - Estudos de Caso Assistidos por Computador. Brasília: Editora da UnB.

——— (2002). O Espaço de Exceção. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.

——— (org.) (2003). Arquitetura & Urbanidade. São Paulo: Pro-editores.

JACOBS, Jane (2000). Morte e Vida de Grandes Cidades. São Paulo: Editora Martins Fontes.

KOHLSDORF, Maria Elaine (1996). A apreensão da forma da cidade. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

PEPONIS, John (1992). *Espaço, Cultura e Desenho Urbano no Modernismo Tardio e Além Dele*. In: Boletim do IAU no. 51. Brasília: UnB.

SCHUSSEL, Zulma das Graças Lucena (2006). *A aglomeração metropolitana de Curitiba e as tendências contemporâneas do planejamento urbano*. 348f. Tese (Doutorado em meio ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

STOCCHERO, Synval (2006). *Curitiba na mira do fotógrafo*. Fundação cultural de Curitiba, Curitiba.

TURKIENICZ, Benamy & MALTA, Maurício (orgs) (1986). *Desenho urbano – Anais do II Sedur*. São Paulo: Pini; Brasília:CNPQ; Rio: FINEP

Fontes Eletrônicas:

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL - IPARDES. Curitiba. Cadernos Municipais. Acessado em 15 de fevereiro de 2016 de <http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=80000&btOk=ok>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censo 2010*. Acessado em 12 de fevereiro de 2016 de <http://www.censo2010.ibge.gov.br/agsn2/>